

# ACUMULAÇÃO PRIMITIVA E CAÇA ÀS BRUXAS

## [PRIMITIVE ACCUMULATION AND THE WITCH HUNT]

Mariane Gehlen Perin\*  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

**Resumo:** O presente artigo aborda o tema da acumulação primitiva, conceito desenvolvido por Marx em *O capital*. O conceito de acumulação primitiva para Marx trata do que ele chama de pré-história do capital, o momento de transição do feudalismo para o capitalismo, no qual há uma acumulação originária de capital necessária para que o sistema capitalista possa se estabelecer e gerar seus novos ciclos de acumulação. Marx apresenta vários eventos históricos de violência brutal que fazem parte da acumulação primitiva. Todavia, o artigo apresenta a crítica de Silvia Federici à Marx, a partir da obra *Calibã e a bruxa*: Marx não leva em consideração um fator essencial para a acumulação primitiva e nascimento do capitalismo, isto é, a caça às bruxas e a história das mulheres que apesar de suas peculiaridades específicas teve consequências globais e elementares para o estabelecimento do capitalismo. Por fim, o artigo reconstrói, a partir da obra de Federici, como a caça às bruxas foi fator decisivo para acumulação originária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acumulação primitiva; Caça às bruxas; Capitalismo; Marx; Silvia Federici

**ABSTRACT:** This article addresses the theme of primitive accumulation, a concept developed by Marx in *Capital*. For Marx, the concept of primitive accumulation deals with what he calls the prehistory of capital, the moment of transition from feudalism to capitalism, in which there is an original accumulation of capital necessary for the capitalist system to establish itself and generate its new cycles of accumulation. Marx presents several historical events of brutal violence that are part of primitive accumulation. However, the article presents Silvia Federici's critique of Marx based on the work *Caliban and the Witch*: Marx does not take into account an essential factor for primitive accumulation and the birth of capitalism, that is, the witch hunt and the history of women who, despite their specific peculiarities, had global and essential consequences for the establishment of capitalism. Finally, the article reconstructs, based on Federici's work, how the witch hunt was a decisive factor for original accumulation.

**KEYWORDS:** Primitive accumulation; Witch hunt; Capitalism; Marx; Silvia Federici

## 1 INTRODUÇÃO

Marx (2015), em *O capital*, defende que para o sistema capitalista se estabelecer houve um período de acumulação inicial do capital que ele chama de acumulação primitiva. Para Marx, esse período de acumulação primitiva consiste na pré-história do capital e se dá na transição do feudalismo para o capitalismo<sup>1</sup>.

\* *Doutoranda em Filosofia na PUCRS. Professora no Magistério do Estado do Rio Grande do Sul e na Prefeitura de Porto Alegre. Mestre em Filosofia (UFSM). Bacharel e Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. E-mail: naneg10@yahoo.com.br*

Para o filósofo, a acumulação primitiva se dá por meio da violência e ele cita os seguintes processos que fizeram parte dessa acumulação: expropriação dos camponeses das terras durante os cercamentos, apropriação das terras do Estado e da Igreja com a Revolução Gloriosa na Inglaterra, legislação sanguinária contra os camponeses expropriados das terras comunais a partir do século XV, legislação para compressão dos salários na Europa (chegaram a existir leis para salário máximo com punições para quem recebesse e para quem pagasse salários que ultrapassassem o teto), gênese dos arrendatários capitalistas, criação de um mercado interno para o capital, gênese dos capitalistas industriais, transformação da propriedade privada em propriedade privada capitalista e a escravidão e colonização nos territórios coloniais.

Atualmente, Silvia Federici (2023), na obra *Calibã e a bruxa*, apesar de seguir uma perspectiva que é baseada no marxismo (também na filosofia foucaultiana e nos estudos feministas), faz uma crítica a teoria marxista da acumulação primitiva dizendo que Marx não teria considerado aspectos específicos (mas que tem impactos globais) da história das mulheres no processo da acumulação primitiva e nem a caça às bruxas. A autora pontua que há aspectos específicos da história das mulheres que foram essenciais para a acumulação primitiva, por exemplo: 1) nesse período de transição do feudalismo para o capitalismo o trabalho feminino se restringe mais ao âmbito doméstico e o trabalho doméstico e reprodutivo passa a ser visto como não trabalho, isto é, trabalho não pago que foi essencial para acumulação capitalista e para gerar novos trabalhadores para serem mão de obra barata para as indústrias insurgentes; 2) no mesmo período, quando às mulheres era permitido trabalhar fora de casa, seus salários eram ainda mais baixos do que aqueles pagos aos homens durante a Primeira Revolução Industrial, o que pode ser entendido como um acúmulo a partir do mais-valor ainda maior no caso da exploração do trabalho feminino; 3) a caça às bruxas que foi uma perseguição majoritária às mulheres, seus saberes, modos de vida e sua organização social, contribuiu ainda mais para o silenciamento e disciplinamento feminino, a restrição feminina ao trabalho doméstico e reprodutivo, as cisões entre a própria classe trabalhadora da cidade e do campo, a perda de espaço de atuação das mulheres em relação à medicina e outras profissões que ocupavam fora do espaço doméstico, a desarticulação e a diminuição da cooperação das mulheres entre si; etc. Enfim, a partir da crítica de Federici (2023), se ampliam os processos históricos que podemos considerar como parte desta pré-história do capital, isto é, do processo de acumulação primitiva.

Assim, este trabalho se propõe a apresentar a crítica de Silvia Federici à Marx, bem como os elementos histórico-filosóficos que sustentam a visão de Federici para que se amplie nossa compreensão do processo de acumulação primitiva e suas consequências inclusive para questões de gênero. Para tal, o nosso referencial teórico base é a obra *O Capital: Crítica de economia política (Livro I)* de Marx, o livro *Calibã e a bruxa* de Silvia Federici, também os comentários de Christian Iber em *Elementos da teoria marxiana do capitalismo. Um comentário sobre o livro I de O Capital de Karl Marx* nos auxilia na jornada. Ademais, quanto a metodologia deste trabalho nos valemos do método interpretativo-hermenêutico.

Na seção I, intitulada *Acumulação primitiva em Marx*, explicitamos a tese de Marx sobre a acumulação primitiva: o mito da acumulação primitiva, sua desmistificação e as bases históricas deste processo. Já na seção II, chamada de *A caça às bruxas e a nova divisão sexual do trabalho como fundamental para acumulação primitiva*, reconstruímos a tese de Federici sobre como a caça às bruxas e a nova divisão sexual do trabalho no período de transição do feudalismo para o capitalismo foi fundamental para acumulação primitiva.

Deste modo, a relevância deste artigo é que ele permite compreender e ampliar a

difusão da compreensão de como se estruturou o capitalismo com mais profundidade, sem negligenciar nenhum aspecto. Outro ponto é que este estudo também contribui para entender melhor as raízes das opressões de gênero, o que explica muito em relação a como essas opressões que persistem hoje estão estruturadas. Desmistificar as origens dos preconceitos de gênero e os impactos na estruturação dessas opressões na atualidade permite uma melhor resposta no enfrentamento dessas demandas.

## 2 ACUMULAÇÃO PRIMITIVA EM MARX

Para Marx (2015, p.785), a acumulação primitiva não é o resultado do sistema capitalista, mas seu ponto de partida originário para os próximos ciclos de reprodução do capital nos quais se acumula cada vez mais capital a partir da extração do mais-valor ou mais-trabalho não pago aos trabalhadores.

Todavia, diz Marx (2015) que há uma mistificação<sup>2</sup> em torno da acumulação primitiva, quase como uma lenda em torno de como se deu essa acumulação originária, que consiste em semelhante formulação:

Numa época muito remota, havia, por um lado, uma elite laboriosa, inteligente e sobretudo parcimoniosa, e, por outro, uma súcia de vadios a dissipar tudo que tinham e ainda mais. [...] Deu-se, assim, que os primeiros acumularam riquezas e os últimos acabaram sem ter nada para vender, a não ser sua própria pele. E desse pecado original datam a pobreza da grande massa, que ainda hoje, apesar de todo seu trabalho, continua a não possuir nada para vender a não ser a si mesma, e a riqueza dos poucos, que cresce continuamente, embora a muito tenham deixado de trabalhar (MARX, 2015, p. 785).

Para Marx (2015, p. 786), tal formulação é um mito que encobre a verdade sobre a acumulação primitiva, isto é, a acumulação originária se deu em verdade a partir da violência de todos os tipos, do roubo e da subjugação. Nas palavras do próprio filósofo: “Na história real, como se sabe, o papel principal é desempenhado pela conquista, a subjugação, o assassinio para roubar, em suma, a violência” (MARX, 2015, p. 786).

Ademais, Marx (2015, p. 786) aponta que além da questão da violência é importante pontuar que antes do capitalismo se estabelecer, dinheiro, mercadoria, os meios de produção e subsistência ainda não são capital. De acordo com a tese do filósofo, eles foram transformados em capital durante o período de acumulação primitiva. Para o filósofo essa transformação só poderia operar em certa circunstância: a separação entre aqueles que dispõe dos meios de produção e aqueles que só dispõe de sua força de trabalho para vender. Este é o pressuposto para relação e sistema capitalista. Sobre este aspecto da filosofia marxista, comenta Iber:

A separação entre as condições de trabalho objetivas e da força de trabalho subjetiva é, portanto, o pressuposto da relação de capital. O processo que produz essa relação tem que ser, por conseguinte, um processo que separa os produtores da propriedade de suas condições de trabalho, um processo que transforma os meios de vida e de produção em capital e cria o trabalhador assalariado livre correspondente. (IBER, 2013, p. 456).

Tal operação, de separação dos trabalhadores dos meios de produção de seu trabalho (isto é, dispor propriedade das condições da realização de um trabalho) é o processo de acumulação primitiva. Todavia, obviamente, se partirmos da história real, o processo de separação dos trabalhadores dos meios de produção se dá por meio do emprego da violência.

No *Capítulo 24* de *O Capital*, intitulado *A assim chamada acumulação*

*primitiva*, Marx (2015), aponta, a partir de pesquisa histórica, os principais eventos históricos que forjaram na base da violência a acumulação primitiva. Todavia, para Marx (2015, p.787-788), não só o fato mais exemplar da acumulação primitiva, mas também a base desta é a expropriação de grandes massas de camponeses de suas terras de modo súbito e violento. Esses processos de expropriação de terras ocorreram em diferentes tempos e com peculiaridades históricas diferentes nos diferentes países, assim, isso quer dizer que, a acumulação primitiva não ocorre de uma só vez, embora, tenha um local inicial de surgimento que é o chamado Velho Mundo e ter por caso exemplar os cercamentos ingleses.

No capítulo *A assim chamada acumulação primitiva*, Marx (2015) trás o exemplo da expropriação de terras durante os cercamentos ingleses como exemplo clássico desses processos de expropriação de terras durante a acumulação primitiva. De acordo com Marx (2015, p. 788-789) que na Inglaterra a partir da segunda metade do século XIV a servidão havia praticamente desaparecido. Sobre esse tema, diz Marx: “a maioria da população consistia [...] e ainda mais no século XV, em camponeses livres, economicamente autônomos, qualquer que fosse o rótulo feudal para encobrir sua propriedade” (Marx, 2015, p. 788). Assim, de acordo com Marx (2015, p. 797), nessa época, a maior parte da população na Inglaterra desfrutava de certa riqueza popular, todavia, essa riqueza popular estava assentada em bases - pequena propriedade privada e propriedades comuns nas quais os trabalhadores dispunham dos meios de produção - que foram vistas por alguns como entrave à riqueza capitalista que só existe na base da miséria da maioria. Assim, diz Marx (2015, p.788-804) que na Inglaterra, no último terço do século XIV e no século XV começam os cercamentos, nos quais os camponeses são expulsos das terras pelos cercamentos das terras que se tornam pastagens de ovelhas voltadas à produção de lã. Esse processo continua nos séculos seguintes e torna os camponeses do dia para noite sem terra, obrigados a perambular pelas estradas, a se mover para cidade, criando um proletariado urbano repentinamente que se viu obrigado a se sujeitar aos empregos disponíveis nas cidades. Os processos de cercamento, embora, iniciam no referido período, irão se estender pelo século XVI, XVII, XVIII e XIX, coincidindo com a Primeira Revolução Industrial, isto é, o aumento da demanda das fábricas por trabalhadores assalariados e lã intensificou ainda mais os cercamentos iniciais.

Ademais, de acordo com Marx (2015, p.792-797), é da mesma época, impulsionada pela Reforma Protestante, o roubo dos bens da Igreja Católica, isto é, o confisco de bens das terras da Igreja, distribuída a alguns favoritos do rei, vendidas muito abaixo de seu valor para especuladores, etc. Como a Igreja era proprietária de grande parte das terras feudais na Inglaterra, os camponeses que viviam nessas terras, também se converteram em sem terra de modo abrupto. Também, segundo Marx (2015, p. 795-796), durante a Revolução Gloriosa na Inglaterra, o patrimônio fundiário do Estado foi apropriado de modo fraudulento, por meio de doações, vendas a preços irrisórios, usurpação direta, etc. Tal apropriação desses bens do Estado, gerou a mesma expropriação dos camponeses das terras que ocorre com os cercamentos e da apropriação das terras da Igreja.

Assim, de acordo com Marx (2015, p. 805-812), essa expropriação gigantesca de terras, levou grandes massas de pessoas para as cidades nas quais eram obrigadas a se submeter aos empregos existentes mal remunerados - por exemplo, houve leis para salário máximo durante o reinado de Elizabeth I<sup>3</sup>, com punições severas tanto para quem recebesse salário maior que o determinado por lei, quanto para quem pagasse - em péssimas e abusivas condições de trabalho. Ademais, segundo Marx (2015, p. 788-813), essa submissão aos empregos precários na cidade se deu por pelo menos duas grandes vias: a expropriação em si e uma série de legislações sanguinárias contra os

expropriados para que se obrigassem duplamente a se submeter aos trabalhos nas cidades. As legislações das quais o filósofo fala podemos citar: leis contra pessoas que fossem encontradas vagando ou mendigando, leis que proibiam imigração e leis de compressão dos salários incluindo salário máximo. Ora, os camponeses expulsos do campo, não tinham a disciplina necessária para trabalhar no sistema fabril do dia para noite e não se adéqua aos novos trabalhos, outros podiam se rebelar não querendo se submeter a esse novo tipo de trabalho, havia ainda aqueles que sem opção de trabalho mendigavam, haviam os que por diversos motivos vagavam, alguns tentavam imigrar para outros países em busca de outras condições de vida. Seja como for, as leis foram impostas no sentido de obrigar as pessoas a ficarem em seu país de origem e se submeter ao regime de trabalho nas cidades.

Por exemplo, de acordo com Marx (2015, p. 806), durante o reinado de Henrique VII na Inglaterra, as punições para quem estivesse vagando ou mendigando sem autorização, podiam ir desde açoitamentos cruéis, obrigados à promessa da irônica obrigação de retorno à terra natal (de onde haviam sido expropriados), sentença de morte, pena de ter a orelha cortada à metade. Com Eduardo VI na Inglaterra, aponta Marx (2015, p. 806), que os cidadãos podiam denunciar aqueles que estivessem vagando e quem o denunciou poderia dispor dele como escravo. Ainda a título de exemplo, segundo Marx (2015, p. 808), durante o reinado de Jaime I na Inglaterra, houveram leis que autorizaram os juizes de paz das seções judiciais menores (*Petty Sessions*) a mandar açoitar em público pessoas que fossem encontradas vagando ou mendigando, podiam também ser encarceradas, os reincidentes podiam ser marcados a ferro quente com a letra R (inicial de *rouge* que significa vagabundo) no ombro esquerdo e condenados a trabalhos forçados. Enfim, trouxemos aqui alguns exemplos referente ao paradigma inglês, mas de acordo com Marx (2015), as leis sanguinárias e terroristas contra os expropriados, ocorreram em países de toda Europa Ocidental durante maior parte do período concomitante com as expropriações de terras.

Além disso, segundo Marx (2015, p. 813-819), esse processo de acumulação primitiva que inicia com a expropriação das terras, também leva a outros processos importantes na gênese da acumulação capitalista, são eles: a formação dos arrendatários capitalistas e a criação de um mercado interno capitalista. Para Marx (2015, p. 819), por exemplo, na Inglaterra, o arrendatário capitalista propriamente dito só vai existir depois dos cercamentos, que possibilitaram o grande aumento das pastagens somado ao fato de que como os contratos de arrendamento eram muito longos (os mais comuns eram de 99 anos) e a constante desvalorização do dinheiro no século XVI permitiu que os arrendatários pagassem por seus contratos de arrendamento valores irrisórios. Quanto a criação de um mercado interno capitalista, de acordo com Marx (2015, p.816), os trabalhadores camponeses expropriados de suas terras e convertidos em proletariado, antes dispunham dos meios de subsistência, depois passam a ter que comprar seus alimentos e outros bens de consumo, isto é,

com a liberação de parte da população rural, liberam-se também seus meios alimentares. Estes se transformam, agora, em elemento material do capital variável. O camponês deixado ao léu tem que adquirir de seu novo senhor, o capitalista industrial, e sob a forma de salário, o valor desses meios alimentares. O que ocorre com os meios de subsistência também ocorre com as matérias-primas agrícolas locais da indústria. Elas se convertem em elementos do capital constante. (MARX, 2015, p. 816).

Assim, “a expropriação e expulsão de uma parte da população não só libera trabalhadores para o capital industrial, e com eles seus meios de subsistência e seu material de trabalho, mas cria o mercado interno” (MARX, 2015, p. 818).

Por fim, o elemento último da acumulação primitiva tratado por Marx é o que ele chama de gênese do capitalista industrial. O capitalista industrial para Marx (2015, p. 820) gera-se a partir de duas fontes de capital que foram legadas pela Idade Média, antes da era do capital propriamente dita, são elas: o capital usurário e o capital comercial. O regime feudal no campo e as corporações de artesãos nas cidades impedia esse capital vindo da usura e do comércio de se converter em capital industrial, com as expropriações no campo e dissolução do feudalismo e com a instalação das manufaturas perto dos portos marítimos ou em regiões fora do controle das corporações, esse capital se converte em capital industrial. Também contribui para esse acúmulo relacionado ao capital industrial o seguinte processo, não menos importantes para início da era do capital: a colonização com todo seu saque de riquezas, exploração de pessoas, brutalidade e violência. Diz Marx:

A descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e do saqueio nas Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para caça comercial de peles-negras caracterizam a aurora da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva. A eles se segue imediatamente a guerra comercial entre as nações europeias [...]. (MARX, 2015, p. 821).

De acordo com Marx (2015, p. 821; p. 825), nesse processo de surgimento da grande indústria além do sistema colonial surge o sistema da dívida pública (a partir dela o sistema internacional de crédito, o jogo da Bolsa, etc.), o moderno sistema tributário e o sistema protecionista. O surgimento desses sistemas são parte do que Marx chama de “infância da grande indústria” (MARX, 2015, p. 827) que fazem parte da acumulação primitiva e, no caso da Inglaterra, de acordo com Marx (2015, p. 829), a escravidão infantil nas *Workhouses* que também fez parte deste processo.

Enfim, nesta seção podemos ver como Marx desmistifica a origem idílica da acumulação primitiva e a coloca nos termos da história real, na qual podemos observar que a acumulação primitiva, dada nesse longo período de transição do feudalismo para o capitalismo, ocorre na base da violência em todas as suas maneiras, econômicas, extra-econômicas, pelo saque, roubo, assassinio, expropriação, escravidão, extermínio, etc. Ademais, podemos observar os aspectos que Marx elenca como fatores da acumulação primitiva. Todavia, embora, Marx, com seu estudo precursor, tem o mérito de desmistificar a acumulação primitiva e abordar vários fatores que constituíram a mesma, na próxima seção, veremos uma crítica de Federici, a partir de *Calibã e a bruxa*, na qual a autora defende que Marx não contempla alguns fatores essenciais da acumulação primitiva, são eles: a caça às bruxas e outras peculiaridades da história das mulheres na acumulação primitiva, que muito embora, sejam peculiares tem importância global e decisiva nesse processo de acumulação originária.

### 3 A CAÇA ÀS BRUXAS E A NOVA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO COMO FATOR FUNDAMENTAL PARA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA

A obra *Calibã e a bruxa* de Silvia Federici tem este nome, pois foi inspirada na obra *A tempestade* (1611) de Shakespeare. Na peça de Shakespeare, Calibã representa o rebelde anticolonial e sua mãe uma bruxa (na obra de Shakespeare em segundo plano, na de Federici o primeiro), outra personagem de destaque é Próspero, que para Federici (2023, p. 240), pode ser visto como um símbolo do conflito entre razão e emoção no século XVII.

*Calibã e a bruxa* visa “analisar a história da ‘transição’ do feudalismo para o

capitalismo a partir do ponto de vista das mulheres, do corpo e da acumulação primitiva” (FEDERICI, 2023, p. 25). Assim, para tal análise, a autora se vale de três bases teóricas: o marxismo, os estudos feministas e a obra de Foucault - muito embora, como veremos mais adiante, critique em certos aspectos, pontos dos referidos eixos. Para a autora,

havia um desejo de repensar o desenvolvimento do capitalismo a partir de um ponto de vista feminista, ao mesmo tempo evitando as limitações de uma “história de mulheres” separada do setor masculino da classe trabalhadora. (FEDERICI, 2023, p. 23).

Quanto ao eixo marxista de *Calibã e a bruxa*, pode-se dizer que: se Marx analisa a acumulação primitiva “do ponto de vista do proletariado assalariado do sexo masculino e do desenvolvimento da produção de mercadorias” (FEDERICI, 2023, p. 26), Federici analisa o mesmo processo histórico “do ponto de vista das mudanças que introduziu na posição social das mulheres e na produção da força de trabalho” (FEDERICI, 2023, p. 26).

Assim, por isso, aspectos que estão presentes na análise de Federici, não estão presentes na análise clássica de Marx. Todavia, os aspectos ausentes em Marx, não são menos importantes que aqueles já presentes em Marx, tanto que Federici afirma:

a caça às bruxas [dos séculos XVI e XVII], tanto na Europa como no Novo Mundo, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras. (FEDERICI, 2023, p. 26).

Para Federici (2023, p. 26), o fenômeno mais importante da acumulação originária que não foi contemplado por Marx é a caça às bruxas. Além disso, para a autora, outros fatores relevantes da acumulação primitiva e ausentes em Marx, são:

i) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. (FEDERICI, 2023, p. 26).

De acordo com Federici (2023), a caça às bruxas buscou destruir o controle reprodutivo que as mulheres exerciam sobre seus corpos, buscou confinar as mulheres ao trabalho reprodutivo (inclusive pelo cerceamento de algumas atividades profissionais que executam, por exemplo, a de parteiras, curandeiras, etc.) criando uma nova divisão sexual do trabalho e também um novo regime patriarcal mais opressor.

Ademais, a análise de Federici (2023, p. 30-35), também é baseada nos estudos feministas sobre vários aspectos: i) analisa a história da acumulação primitiva a partir de um ponto de vista feminino e da história das mulheres, como já explicitado aqui; ii) outro aspecto é que como sinaliza a autora a transição do feudalismo para o capitalismo também foi uma temática bastante discutida pelas feministas, sobretudo, nos anos 1980, bem como uma temática importante para o feminismo já que houve nesse período uma “redefinição das tarefas produtivas e reprodutivas e as relações homem-mulher nesse período” (FEDERICI, 2023, p. 30) e assim sendo, gênero é uma das especificações das relações de classe que merece destaque; iii) no âmbito dos estudos feministas a autora critica a perspectiva das feministas pós-modernas que julgaram ser necessários desfazer-se da categoria “mulher”, com base no argumento de que, ainda há divisão sexual de trabalho e no capitalismo “‘a feminilidade’ foi construída como uma função-trabalho que oculta a produção da força de trabalho sobre o disfarce de um destino biológico” (FEDERICI, 2023, p. 31), sendo assim, a categoria “mulher” e as atividades

associadas a reprodução seguem um terreno de luta fundamental como eram para as feministas dos anos 1970 e um ponto de união com a história da caça às bruxas; iv) a categoria corpo é há muito uma categoria importante dentro dos estudos feministas, sendo que houve uma grande quantidade de estudos sobre o corpo nos anos 1970 feitos pelas feministas - assim, não teria sido Foucault o único e pioneiro a tratar da categoria de corpo -, bem como, as feministas criticaram Foucault por omitir a diferenciação sexual dos estudos sobre corpo e sexualidade, como também ter se apropriado de saberes desenvolvidos pelos estudos e movimentos feministas.

Ademais, a autora crítica ainda outros aspectos das teses de Foucault. Primeiramente, Federici diz que Foucault trata do surgimento do biopoder no século XVIII sem deixar claro sua origem (promoção capitalista da reprodução das forças de trabalho na acumulação primitiva). Em segundo lugar, a autora diz que, Foucault quase não aborda o caráter também repressivo do poder em sua obra, mas isso só pode ter sido concluído pela omissão da história da caça às bruxas, caso contrário, a teoria foucaultiana do poder teria tomando outra forma: teria feito uma maior crítica das relações de poder. Em terceiro lugar, a autora diz que, certa cumplicidade que Foucault imagina haver entre os perseguidores e suas vítimas, também seria descartada da tese de Foucault se ele tivesse considerado a caça às bruxas.

Como penúltima consideração, temos que a autora ainda diz que, em Foucault o corpo é visto como “algo puramente constituído por práticas discursivas” (FEDERICI, 2023, p. 34) - sobre essa afirmação fazemos uma ressalva e discordamos da autora, visto que, para Foucault o corpo também se constitui das disciplinas físicas e espaciais que lhe foram impostas pelo poder disciplinar. Já que diz Foucault: “O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano [...] Uma “anatomia-política” [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos, exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 1977, p. 127).

Por fim, a autora diz que “o Poder que produz o corpo aparece como uma entidade autossuficiente, metafísica, ubíqua, desconectada das relações sociais, e tão misteriosa em suas variações quanto uma força motriz divina” (FEDERICI, 2023, p. 34). Sobre essa última afirmação de Federici, consideramos que sim, em Foucault o poder aparece com certo aspecto de autossuficiente e deslocado de suas relações econômicas e sociais muitas vezes. Tal aspecto criticado por Federici é sim, problemático, mas tangencia-lo a “metafísico” mesmo que no sentido figurado já seria um certo exagero. Isto porque o poder disciplinar (anátomo-política) de que fala Foucault ocorre no corpo, a arquitetura disciplinar tratada pelo autor (como por exemplo, o panóptico) se refere a estruturas bastante materiais e a biopolítica com suas taxas de natalidade, mortalidade, etc. que começam a entrar nos cálculos do Estado a partir do século XVIII se referem a fatos bastante palpáveis no mundo. Diz Foucault:

Concretamente, esse poder sobre a vida se desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais, que não são antitéticas [...]. Um dos pólos, o primeiro a ser formado, [...], centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade [...] - tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as *disciplinas: anátomo-político do corpo humano*. O segundo, formou-se [...] por volta do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível da saúde [...], com todas as condições que podem fazê-lo variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma bio-política da população*. (FOUCAULT, 1999, p.131).

Assim, a análise de Federici (2023), considera os conceitos de biopolítica, poder

disciplinar, técnicas de poder, o poder em seu aspecto produtivo, etc., mas considera também os aspectos repressivos do poder (já que por exemplo, na história da caça às bruxas e da colonização eles foram evidentes e brutais), as condições econômicas e sociais onde ocorrem certas formas de atuação do poder, as condições específicas - lembrando mais uma vez: com consequências globais - das mulheres frente às relações de poder produtivas e repressivas na história da transição do feudalismo para o capitalismo e na caça às bruxas, etc.

### 3.1 Mulheres e caça às bruxas na acumulação primitiva

De acordo com Federici (2023, p. 44-108), em o *Calibã e a bruxa*, no capítulo intitulado *O mundo precisa de uma sacudida: os movimentos sociais e a crise política na Europa Medieval*, a Idade Média, ao contrário do que já foi retratada, foi um período de constante luta antifeudal, contra o poder dos senhores e questionando o poder, as práticas e as doutrinas da Igreja Católica. Nesse período houve várias rebeliões, inclusive armadas, contra o poder vigente - essas rebeliões se intensificam principalmente no século XIV. Algumas dessas rebeliões eram de camponeses, em outras se unia o proletariado do campo e da cidade. Nesse contexto também os movimentos milenaristas e heréticos foram importantes, no sentido de questionar as doutrinas e práticas da Igreja, unir as pessoas à margem econômica, propor novas formas de vida, desincentivar a reprodução de filhos em condições de pobreza para que não se perpetuar o sofrimento e em alguns desses movimentos heréticos mais importantes as mulheres tiveram papel de destaque. Porém, a Igreja perseguia os movimentos heréticos e com o tempo o controle reprodutivo foi visto como heresia também. Outro fator importante da Idade Média é que houve a Grande Fome (1315-1322) que enfraqueceu as pessoas e após isso ocorre a Peste Negra que mata aproximadamente  $\frac{1}{3}$  da população europeia. A Grande Fome e Peste Negra geram uma queda demográfica extremamente significativa, o que vai causar falta de mão de obra para o trabalho, essa situação, somada ao descontentamento da população com o sistema feudal, vai dar poder de negociação e barganha com os senhores feudais: na escassez de trabalhadores, os servos podiam descontentes com um feudo, migrar a outro. Também a indisciplina se fortifica nesse momento histórico devido a falta de perspectiva e risco de morte iminente que a peste trouxe. Esses fatores acabam colocando o sistema feudal numa grande crise.

Sobre essa situação de crise no sistema feudal e surgimento do capitalismo, aponta Federici:

O capitalismo foi uma resposta dos senhores feudais, dos mercadores patrícios, dos bispos e dos papas a um conflito social centenário que chegou fazer tremer seu poder e que realmente produziu ‘uma grande sacudida mundial’. O capitalismo foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal - possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e do espaço natural [...]. (FEDERICI, 2023, p. 44).

Federici (2023, p. 115-116) diz que no final da Idade Média havia uma crise no sistema feudal por desacumulação, uma tendência a autossuficiência local, aumento dos salários e queda dos preços. Nesse período, houve como que um enriquecimento do povo e possibilidades de articulação de novas formas de vida mais libertárias e igualitárias. Todavia, a riqueza do povo, como disse Marx, excluía a “riqueza capitalista”. Nesse contexto histórico, de acordo com Federici (2023, p. 44), é que

surge a “contrarrevolução” capitalista, uma contra-ofensiva da classe dominante europeia baseada na violência, iniciada com a expropriação.

Nesse sentido, diz Federici: Na Europa, a privatização da terra começou [mais sistematicamente] no final do século XV, coincidindo com a expansão colonial. Ela assumiu formas diferentes: despejo de inquilinos, aumento do aluguel e impostos elevados por parte do Estado, o que levou ao endividamento e à venda de terras. Defino todos esses processos como expropriação da terra, porque, quando a força não era usada, a perda das terras se dava contra a vontade do indivíduo ou da comunidade, solapando sua capacidade de subsistência. Duas formas de expropriação devem ser mencionadas: a guerra - cujo caráter mudou nesse período, uma vez que passou a ser usada como meio para transformar arranjos territoriais e econômicos - e a reforma religiosa. (FEDERICI, 2023, p. 130).

A partir das expropriações, que se deram de modos diversos, seguem outros fatores da acumulação primitiva que já vimos com Marx: legislação sanguinária contra os expropriados (o que podemos também chamar de criminalização da classe trabalhadora e da pobreza), pauperização da classe trabalhadora (com as leis de salário máximo, redução de salários e aumento dos preços), exploração colonial das pessoas, territórios e riquezas das colônias, etc.

Neste contexto, soma-se a diminuição demográfica da Europa devido a Peste Negra às péssimas condições de vida dos trabalhadores, o interesse da classe trabalhadora em gerar novos filhos caía. Todavia, o capitalismo insurgente precisava de braços para o trabalho. Neste contexto, é que diz Federici (2023, p. 331), que inicia uma política estatal biopolítica de caça às bruxas, com o objetivo de aumentar os índices de reprodução, para tal, precisava diminuir o controle reprodutivo que as mulheres tinham, regular seus comportamentos, etc. Outro aspecto, de acordo com Federici é que “a crescente privatização da propriedade e as relações econômicas que, dentro da burguesia, geraram uma nova ansiedade com relação à paternidade e à conduta das mulheres” (FEDERICI, 2023, p. 170).

Assim, diz Federici:

a guerra [contra as mulheres e poder que exerciam sobre seus corpos e o controle da reprodução] foi travada principalmente por meio da caça às bruxas, que literalmente demonizou qualquer forma de controle da natalidade e da sexualidade não procriativa, ao mesmo tempo que acusa mulheres de sacrificar crianças ao demônio. (FEDERICI, 2023, p. 174).

Assim, por exemplo:

Na França, um édito real de 1556 requeria que as mulheres registrassem cada gravidez e sentenciava à morte aquelas cujos bebês morriam antes do batismo, depois de um parto às escondidas, não importando se fossem consideradas culpadas ou inocentes de sua morte. Estatutos semelhantes foram aprovados na Inglaterra e na Escócia em 1624 e 1690. (FEDERICI, 2023, p. 176).

Há muitos outros exemplos que Federici trás na referida obra, todavia, nos deteremos a estes. Fato é que, de acordo com Federici (2023, p.176; p.323), esse sistema gerou processamento das mulheres em grande escala - a primeira vez que entram nos tribunais europeus como adultas e representantes de si mesmo foi para serem alçada de bruxaria - e, nos séculos XVI e XVII<sup>4</sup>, inúmeras mulheres (centenas de milhares, mas o número exato é impreciso segundo historiadores) foram executadas sob acusação de bruxaria ou infanticídio.

No mesmo contexto, de acordo com Federici (2023, p. 329), as parteiras passam

ser perseguidas e começam a ter que trabalhar como espãs do Estado para serem autorizadas, o trabalho de parto começa a se profissionalizar em mãos masculinas também nesta época: as acusações das parteiras são as mesmas sofridas pelas outras mulheres, isto é, bruxaria, infanticídio, abortos e poções contraceptivas. Foi assim que

*O Malleus [Maleficarum] dedicou-lhe um capítulo inteiro [às parteiras]. [...] Ao notarem que não havia uma só cabana que não desse guarida a alguma parteira, os autores recomendaram que essa arte não deveria ser permitida a nenhuma mulher, a menos que demonstrasse de antemão ser uma “boa católica”. [...] Tanto na França quanto na Inglaterra, a partir do final do século XVI, poucas mulheres foram autorizadas a praticar a obstetrícia, uma atividade que, até então, havia sido seu mistério inviolável. Por volta do início do século XVII, começaram a aparecer os primeiros homens parteiros e, em questão de um século, a obstetrícia havia caído quase completamente sob controle estatal. (FEDERICI, 2023, p. 328-329).*

Assim, as parteiras foram excluídas da obstetrícia por não serem consideradas confiáveis para os fins do Estado e da Igreja, que era dispor do controle reprodutivo e gerar mais filhos ou mão de obra para as fábricas. A perseguição às parteiras, além de mais uma face da desprofissionalização feminina, significou a perda do controle feminino da reprodução, já que as parteiras eram “tradicionalmente depositárias do conhecimento e do controle reprodutivos femininos” (MIDELFORT, 1972 apud FEDERICI, 2023, p. 327-328).

Assim, a partir de frentes diversas coordenadas,

as mulheres foram forçadas frequentemente a procriar contra sua vontade, experimentando uma alienação de seus corpos, de seu “trabalho” e até mesmo de seus filhos mais profunda que a experimentada por qualquer outro trabalhador (MARTIN, 1987 apud FEDERICI, 2023, p. 180).

Além disso, de acordo com Federici (2023, p. 193), para o disciplinamento e confinamento das mulheres não bastava a intervenção do Estado, foi preciso reproduzir as estruturas de dominação na família e na relação do marido e do casamento. Sobre isso, diz Federici: “Na nova família burguesa, o marido tornou-se o representante do Estado, o encarregado de supervisionar ‘as classes subordinadas [leia-se: esposa e os filhos]’” (FEDERICI, 2023, p. 193). Assim, para Federici, disto provém “a identificação da família com um ‘microestado’ ou uma ‘microigreja’” (FEDERICI, 2023, p. 193).

Ademais, para Federici (2023, p. 64), se acrescenta a isso, que as mulheres vão sendo excluídas sistematicamente de atividades profissionais fora do âmbito doméstico que tradicionalmente ocupavam, isto é, além das atividades de parteiras, vão sendo excluídas de outras atividades profissionais tradicionais, como por exemplo, produtoras de cerveja, curandeiras, artesãs nas guildas e do trabalho agrícola e agropecuário no campo (nestes últimos, foram excluídas junto das expropriações de terras camponesas). De acordo com Federici (2023, p. 64; 182-183), se na Europa Medieval, as mulheres participavam de várias atividades profissionais e até dominavam algumas áreas ou setores, até o século XVII estava quase completo o processo que exclui as mulheres das atividades profissionais diversas, as restringe ao âmbito doméstico e considera socialmente seu trabalho doméstico como não trabalho. Prova disso é, por exemplo, que no período medieval, “em Frankfurt, havia aproximadamente duzentas ocupações nas quais participavam entre 1.300 e 1.500 mulheres” (Williams e Echols, 2000, p. 53 apud Federici, 2023, p. 64) e “na Inglaterra, 72 das 85 guildas incluíam mulheres entre seus membros. Algumas guildas, incluindo a da indústria da seda, eram controladas por elas [...] (Federici, 2023, p. 64). Também “Médicas, assim como parteiras ou *sage-femmes*, predominavam na obstetrícia, tanto contratadas por governos urbanos quanto se

mantendo por meio da compensação paga por seus pacientes” (Federici, 2023, p. 64) e “após a introdução da cesariana, no século XIII, as obstetras eram as únicas que a praticavam (Optiz, 1996, pp. 370-1 apud Federici, 2023, p. 64). Já no século XVII, “a desvalorização do trabalho feminino era tal que os governos das cidades ordenaram às guildas que ignorassem a produção que as mulheres” (Federici, 2023, p. 183-184), a obstetrícia já estava controlada totalmente pelo Estado (Federici, p. 328-329), nas outras profissões tradicionalmente ocupadas por mulheres também já se havia perdido espaço e

ganhava espaço (no direito, nos registros de impostos, nas ordenações das guildas) a suposição de que as mulheres não deviam trabalhar fora de casa e de que tinham apenas que participar na “produção” para ajudar seus maridos (Federici, 2023, p. 182).

Assim, de acordo com Federici (2023, p. 64; p. 182), as mulheres foram sendo isoladas de atividades profissionais, seja qual fosse, das que ocupavam tradicionalmente ou das novas insurgentes, o que tornava o casamento quase uma carreira para as mulheres. Federici (2023, p. 184), chega a relatar que mesmo em lugares onde mulheres recebessem um salário, se solteiras, eram comumente expulsas dos povoados.

Assim, de acordo com Federici (2023, p. 182-183), as mulheres ficaram isoladas das atividades assalariadas, o que a autora chama de patriarcado do salário, e quando o recebiam um salário, era numa quantidade muito inferior ao daquele salários pagos aos homens. Assim, o mais-valor extraído do salário feminino era maior ainda que o do trabalho masculino; e ainda, recebendo ou não um salário ficavam dependentes dos homens. Outro aspecto, de acordo com Federici (2023, p. 182-183), é que nesta época, todo trabalho feminino passa a ser visto, no geral, como não trabalho ou como trabalho inferior ao dos homens, isto é, o trabalho reprodutivo e doméstico passa a ser visto como não trabalho, produtos feitos em casa que podiam ser vendidos eram mal remunerados e comumente só os homens podiam receber o pagamento por esses artefatos fabricados pelas mulheres e em situação de as mulheres trabalharem fora de casa, como já vimos, seu salário era inferior ao masculino e suas tarefas mais restritas a alguns tipos de empregos específicos. Assim, de acordo com a autora, seja como for, as mulheres foram ficando isoladas socialmente, perdendo suas profissões e saberes, dependentes dos homens e empobrecidas (a autora fala em “feminilização da pobreza”).

Portanto, de acordo com Federici (2023, p. 26), essa nova divisão sexual do trabalho foi fundamental para acumulação capitalista: acumulação de trabalho reprodutivo e doméstico não pago às mulheres; o trabalho reprodutivo e doméstico não pago às mulheres permitia aos homens trabalhar por salários mal pagos de onde foi extraído mais-valor; acumulação de trabalho remunerado das mulheres que extraía mais-valor se comparado ao trabalho masculino.

Finalmente, nesta seção podemos compreender como a caça às bruxas e a nova divisão do trabalho foram aspectos essenciais da acumulação primitiva e de que maneira esse processo se estruturou e aconteceu historicamente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, foi possível observar como Marx, na obra *O Capital*, desmitifica a acumulação primitiva - longe de formas idílicas -, nos mostra como ela foi pautada na violência e na exploração. Também vimos quais eventos históricos, Marx bem coloca como elementos essenciais da chamada acumulação primitiva. Todavia,

com a retomada do trabalho de Federici, *Calibã e a bruxa*, é possível compreender a crítica que autora faz à Marx - sem deixar de ser marxista - quanto a sua tese da acumulação primitiva não considerar um evento decisivo na estruturação do capitalismo: a caça às bruxas e a nova divisão sexual do trabalho. A partir da retomada dos elementos essenciais da obra de Federici, compreendemos como a perseguição às mulheres através da caça às bruxas, foi essencial para estruturar a nova divisão sexual do trabalho, a exploração do trabalho feminino e gerar a possibilidade de exploração do trabalho masculinos assalariado. Perseguição essa às mulheres que teve como objetivo configurar a nova divisão sexual do trabalho, se valeu de violência brutal contra centenas de mulheres, cerceou seus espaços sociais, profissionais, criou a feminilização da pobreza, destruir saberes, criou a ferro e fogo uma definição de uma feminino dócil, calado, submisso, entre outros aspectos. Assim, esperamos ter contribuído com a compreensão das origens do capitalismo, da acumulação originária em todos os seus aspectos e com a compreensão sobre parte da origem dos preconceitos de gênero, bem como, fornecer elementos para sua contestação e rupturas de preconceitos.

## REFERÊNCIAS

- IBER, Christian. *Elementos da teoria marxiana do capitalismo. Um comentário sobre o livro I de O Capital de Karl Marx*. Porto Alegre: Editora Fi, EdIPUCRS, 2013.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2023.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: Vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política. Livro I. O processo de produção do capital*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2015.

## NOTAS

- 1 Do mesmo modo e de acordo com Federici (2023) em *Calibã e a bruxa*, usamos o termo “transição do feudalismo para capitalismo, para facilitar a identificação de tempo e espaço do que é um longo processo marcado por vários conflitos de forças antagônicas, revoltas, violência, tentativas de alguns grupos de estabelecer sistemas locais que não podem ser classificados nem feudaisistas, nem capitalistas, etc. Assim, usamos esse termo apenas com a função de facilitar essa localização espaço-tempo, com as devidas ressalvas, a partir de Federici (2023): a expressão “transição do feudalismo para o capitalismo” que é um termo que os historiadores britânicos utilizavam muito em 1940 e 1950, o termo é um pouco fictício, pois, usa-se para definir um período entre 1450 e 1650 na Europa, no qual o feudalismo estava se decompondo e nenhum novo sistema econômico político tinha se definido.
- 2 O conceito de mistificação em Marx a partir da obra *O Capital (Livro I)* pode ser entendido como ilusão, falsidade, consciência equivocada. Na *Apresentação* da obra *O Capital (Livro I)*, Jacob Gorender utiliza o termo mistificado como sinônimo de fantasmagórico, ilusório. O excerto de Gorender é bastante elucidativo sobre o que se pode entender por mistificação: “A ideologia é, assim, uma consciência equivocada, falsa, da realidade. Desde logo, porque os ideólogos acreditam que as ideias modelam a vida material, concreta, dos

homens, quando se dá o contrário: de maneira mistificada, fantasmagórica, enviesada, as ideologias expressam situações e interesses radicados nas relações materiais, de caráter econômico, que os homens, agrupados em classes sociais, estabelecem entre si. Não são, portanto, a Ideia Absoluta, o Espírito, a Consciência Crítica, os conceitos de Liberdade e Justiça, que movem e transformam as sociedades. Os fatores dinâmicos das transformações sociais devem ser buscados no desenvolvimento das forças produtivas e nas relações que os homens são compelidos a estabelecer entre si ao empregar as forças produtivas por eles acumuladas a fim de satisfazer suas necessidades materiais. Não é o Estado, como pensava Hegel, que cria a sociedade civil: ao contrário, é a sociedade civil que cria o Estado” (GORENDER, 2015, p. 30-31). Na obra *O Capital (Livro I)*, Marx não expõe o termo mistificação na forma de uma definição explícita, mas já como um uso do conceito a partir do qual podemos extrair seu significado. Inicialmente, no *Posfácio da Segunda Edição de O Capital (Livro I)*, o conceito é utilizado inicialmente quando Marx (2015, p. 129) diz que Hegel expõe de modo “amplo e consciente” (MARX, 2015, p. 129) o movimento dialético, mas de forma invertida, isto é, “de cabeça pra baixo” (MARX, 2015, p.129). Deste modo, segundo Marx seria necessário “desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico” (MARX, 2015, p. 129). Ainda no *Posfácio da Segunda Edição*, o verbo mistificar aparece novamente na seguinte citação: “Em sua forma mistificada, a dialética esteve em moda na Alemanha porque parecia glorificar o existente. Em sua configuração racional, ela constitui um escândalo e um horror para a burguesia e seus porta-vozes doutrinários, uma vez que, na intelecção positiva do existente, inclui, ao mesmo tempo, a intelecção de sua negação, de seu necessário perecimento. Além disso, apreende toda forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, incluindo o seu lado transitório; porque não se deixa intimidar por nada e é, por essência, crítica e revolucionária” (MARX, 2015, p. 129-130). No capítulo *Transformação do valor (ou preço) da força de trabalho em salário de O Capital*, no qual Marx (2015, p.745-746) trata da transformação do valor da força de trabalho em salário, ele explica como essa transformação gera uma mistificação, uma ilusão, uma invisibilização das relações de trabalho capitalistas.

- 3 Houveram leis que instauraram salário máximo na Europa não somente na Inglaterra e na Inglaterra não somente durante o reinado de Elizabeth I, mas as leis sobre salário máximo de Elizabeth I no *Estatuto dos Aprendizes* se tornaram paradigmáticas como base para legislações posteriores sobre o assunto que estendiam essas leis a outras categorias ou outros países. Sobre o tema, vide Marx (2015, p. 810-811).
- 4 “Os judeus também foram seguidamente acusados de adorar ao demônio e, muitas vezes, foram retratados com chifres e garras. Mas o fato mais notável é que mais de 80% das pessoas julgadas e executadas na Europa nos séculos XVI e XVII pelo crime de bruxaria eram mulheres”. (FEDERICI, 2023, p.323).